

## **Cultura e cidade: novas configurações sócio-espaciais na era pós-industrial**

Carolina Gallo Garcia<sup>1</sup>

**Resumo:** O fenômeno da ocupação de espaços urbanos esvaziados e degradados para atividades vinculadas à cultura e empreendimentos criativos tem tomado a frente em diversos discursos da discussão sobre a cidade contemporânea no Brasil e no mundo. As novas relações sociais impressas nestes territórios ditos criativos trazem ao centro do debate questões de valorização do tecido urbano a partir de ressignificações simbólicas performadas pelo acúmulo de capital cultural amplamente permutável por capital econômico. O presente estudo se propõe analisar tal processo a partir da perspectiva das particularidades apresentadas por tais cidades, especialmente a partir da análise de condutas orientadas à criação, e/ou assimilação de valores simbólicos que motivam o deslocamento de atividades econômicas pautadas pela expressividade artística no tecido urbano. Nesta abordagem, será produzida uma problematização sobre a aplicação de um modelo de desenvolvimento urbano reconhecidamente frutífero em países desenvolvidos a cidades latino-americanas partir aportes teóricos da literatura decolonial.

**Palavras-chave:** Economia Criativa; Classe Criativa; Capital Cultural; Estetização Urbana; América Latina.

### **Introdução**

O reconhecimento de mudanças que se produzem a partir da instalação de artistas em antigas áreas industriais de grandes cidades tem tomado a frente em diversas discussões no campo da economia criativa. Ao estabelecer residência e local de trabalho em determinadas regiões, percebe-se que um processo de reabilitação e valorização simbólica do território é posto em marcha. Através de ressignificações no sentido de lugar, acompanhadas de novas apropriações do espaço pelo capital, as dinâmicas urbanas têm sido profundamente modificadas.

---

<sup>1</sup> Graduada em Comunicação Social, especialista em Economia da Cultura e mestranda em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR/UFRGS). Pesquisadora no Grupo de Pesquisa Identidade e Território (GPIT-UFRGS) e integrante do Grupo de Estudos em Estudos Organizacionais (GEEO-PUCRS).

Florida (2002), entusiasta da chamada “Classe Criativa<sup>2</sup>” como frente desenvolvimentista, argumenta que a criatividade se tornou uma das forças motrizes da economia norte-americana e vislumbra a tal classe como engrenagem econômica e política básica para transformações sociais. A maior parte das receitas oriundas dessas atividades econômicas tendem a se concentrar em cidades igualmente “criativas”, que detém alta densidade de capital humano especializado, atraído por espaços que dispõem dos “3 T’s”: talento, tecnologia e tolerância<sup>3</sup>. Assim, um ambiente cultural dinâmico forneceria uma atmosfera passível de ampliação da criatividade e inovação canalizados para atividades produtivas permeadas por alto teor de conteúdos simbólicos, que se refletiria em um comércio qualificado de bens e serviços oriundo de determinados territórios.

Hutton (2015) tende ao cetismo quanto à esta visão otimista de Florida, ponderando efeitos favoráveis às cidades - por um lado, o uso e regeneração de espaços esvaziados e o aumento de bases fiscais; e por outro, a rápida renovação de empresas e residências, bem como o deslocamento de antigos residentes frente ao aumento do valor fundiário. As conexões entre ocupação de artistas e transformações transcorridas no espaço têm sido centrais nos discursos sobre gentrificação<sup>4</sup> nas últimas décadas, uma vez que estes grupos são, historicamente, os primeiros a recolonizar os distritos pós-industriais e, ao produzirem uma nova conjuntura de *habitus* e estética no tecido urbano, foram suplantados por empresas e novos moradores de maior capital econômico (HUTTON, 2015). Diversos autores (BALDUF, 2014; GALE, 1984, ZUKIN, 1982) tendem ainda a associar de forma mais direta e causa a relação entre arte, cultura e gentrificação, conforme veremos adiante.

---

<sup>2</sup> O referido autor realizou um extenso levantamento sobre a tendência de boa parte dos trabalhadores norte-americanos optar por ocupações relacionadas ao setor de serviços intensivos em inovação, tecnologia e criatividade, resultando em uma classe caracterizada por maior flexibilização das formas de trabalho e permeada por um *ethos* criativo.

<sup>3</sup>Florida (2002) enfatiza a qualidade da tolerância às múltiplas diversidades urbanas, sendo elas de ordem étnicas, racial, sexual ou de qualquer outra natureza, como um fator altamente atraente à classe criativa.

<sup>4</sup>O termo *gentrificação*, cunhado pela socióloga britânica Ruth Glass nos anos 1960, se refere às transformações imobiliárias e de grupos sociais em determinados distritos de Londres, Reino Unido neste período. O termo segue em uso para descrever processos de transformação do espaço urbano onde determinadas regiões com características específicas – sobretudo áreas industriais, operárias, portos e centros históricos. – enfrentam processos de reabilitação e valorização fundiária.

Para Hamnett (BIDOU-ZACHARIASEN, 2006) este processo seria um fenômeno de gentrificação, que pode ser melhor compreendido como uma manifestação sócio-espacial típica da transição da economia industrial para a economia pós-industrial, baseada em serviços financeiros, criativos, comerciais que promovem transformações no estoque de moradias, no mercado fundiário, bem como na estrutura de classe, ocupação e novas práticas de consumo cultural. Os processos de gentrificação se dão de maneiras diversas, geralmente atrelados a práticas de notabilização de um espaço urbano que adquire valor econômico a partir de uma nova imagem conformada à paisagem - o que provocaria o deslocamento da antiga população habitante do espaço frente ao aumento da percepção de valor social de um determinado bairro ou distrito.

É possível afirmar que a alteração de usos dos equipamentos urbanos, sem necessariamente envolver renovação material dos estoques de imóveis, também seria considerada um tipo de gentrificação (HAMNETT, 1984). Harvey (1989) ainda sinaliza que os fenômenos de gentrificação são efeitos do regime de acumulação do sistema capitalista de mercado associado à uma acumulação primitiva de capital simbólico, os quais se materializam na cidade contemporânea pela reprodução de capital econômico.

O fenômeno gentrificatório é, geralmente, permeado por discursos de requalificação que ocultam a memória do passado (BIDOU-ZACHARIASEN, 2007), proliferando a simulação de espaços urbanos “democráticos” cuja transformação em lócus de consumo e cultura origina uma barreira de acesso aos bens e serviços locais à população tradicionalmente moradora. Esse processo descrito ocasiona uma gentrificação “alterativa”, onde não necessariamente ocorre uma valorização fundiária, mas de custo de vida, ampliação de práticas de consumo, o que pode ser denominado de mais valia urbana.

Tais ressignificações de espaço se alicerçam, paradoxalmente, em uma identidade coletiva impressa no lugar, cujas estruturas materiais tendem a expressar uma paisagem urbana pós-moderna marcada por valores simbólicos atribuídos, frequentemente, por agentes oriundos da classe artística ou criativa. A gentrificação é, portanto, simultaneamente produzida por processos materiais – novas edificações, transformações e requalificação da imagem do espaço – que se originam de processos simbólicos de ampliação de valores do bairro e

cujos códigos portados pelos novos habitantes e usuários se exprimem materialmente. Vale ressaltar, como enfatizam Ribeiro e Sanchez (2003) que

a mídia entra no processo de renovação urbana como veículo privilegiado, pois molda as representações acerca das transformações urbanas e dos lugares produzidos. Por meio dela, são produzidos signos de bem-estar e satisfação no consumo dos espaços de lazer, são criados comportamentos e estilos de vida e é promovida a valorização de lugares, bem como os usos considerados 'adequados' (Ribeiro e Sánchez, 2003, p. 101).

Historicamente, o período que coincidiu com o início de gentrificações generalizadas ao redor do mundo assistiu à uma valorização acentuada de capital cultural, devido à convergência de várias tendências sociais na qual a lógica econômica intensificou sua presença no âmbito cultural, bem como a economia tornou-se mais aculturada (SCOTT, 2000). Hoje, os debates acerca do tema “cidade criativa” se dividem entre considerá-la um meio de resgate socioeconômico e cultural *versus* um meio de acumulação econômica, uma vez que a dinamização de espaços urbanos atrai, frequentemente, novos investimentos habitacionais e empresariais.

Cameron e Coafee (2005) salientam uma “colonização econômica” crescentemente intensificada no terreno cultural, sugerindo esta como uma tipologia do fenômeno de gentrificação entre os estratos da classe média, onde o deslocamento de uma população de alto capital cultural para dar lugar a uma parcela de maior capital financeiro se produzia em ordem de permitir práticas consumo de espaço em sintonia com as regras de uma economia de mercado intensiva. Mais ainda, estes autores ressaltam a consideração do papel da arte e dos artistas nas estabelecidas teorias de gentrificação como importantes agentes de iniciação do processo de exclusão protagonizado pelo capital cultural como fator propulsor (ou mesmo intensificador) destes projetos de requalificação de antigos bairros operários e industriais. Teorias alternativas reconhecem que o capital econômico se apropria rapidamente da renovação destes distritos ao mercantilizá-los e deslocar os artistas, seus primeiros gentrificadores, operando o mesmo fenômeno com crescente aval de políticas públicas que corroboram e justificam tais movimentos segregacionais sob argumentos de interesse público, “revitalização”, atração de atividades turísticas e o florescimento de novas atividades econômicas.

A maneira como se configuram as relações espaciais e econômicas em torno de atividades artísticas evidencia que as políticas públicas de fomento à cultura se tornaram um caminho central no planejamento urbano, sobretudo de cidades globalizadas. Como aponta Arantes (2002, p. 33):

à medida que a cultura passava a ser o principal negócio das cidades em vias de gentrificação, ficava cada vez mais evidente para os agentes envolvidos na operação que era ela, a cultura, um dos mais poderosos meios de controle urbano no atual momento de reestruturação da dominação mundial.

Pretende-se, portanto, problematizar as percepções produzidas pelos “renascimentos” de áreas urbanas através de conceitos de segurança, embelezamento, civilidade que permeiam tais processos que encobrem uma dominação da cidade pelo setor privado. A seguir, veremos como o caso da ocupação de um antigo bairro operário de Nova Iorque por artistas produziu um intenso processo de estetização do espaço, transformando-se em uma paisagem de consumo.

### **SoHo: um caso de destaque**

A fim de elucidar o nosso entendimento sobre tais processos, tomamos por referência para este estudo o emblemático caso de gentrificação do bairro SoHo<sup>5</sup> de Nova Iorque, um antigo distrito de pequenas indústrias sediadas em edifícios compostos por *lofts*, disponíveis no mercado imobiliário a partir de uma relativa dispersão das atividades manufatureiras do centro da ilha para os bairros periféricos e desindustrialização de centros urbanos norte-americanos. A partir de uma crescente oferta de imóveis disponíveis decorrida pela queda do modo de produção industrial intra-urbano, a área foi tomada por artistas que, atraídos pelos baixos aluguéis, transformavam *lofts* em espaços híbridos de ateliês residenciais, promovendo a recuperação de uma antiga vitalidade do bairro.

A recuperação destes edifícios a partir da ocupação artística foi a chave para um novo movimento de retorno ao centro da cidade, onde artistas instauravam novos referenciais estéticos, de estilos de vida e padrões de

---

<sup>5</sup> SoHo é o nome dado a abreviação de “South of Houston”, referindo-se ao território localizado ao sul da Rua Houston, na parte sul da ilha de Manhattan em Nova Iorque (EUA).

domesticidade, cuja aceitabilidade pelo *mainstream* da classe média emergiu de novos conjuntos de valores sociais e culturais, que se refletiam em mudanças paradigmáticas no consumo residencial. O habitar dos *lofts* novaiorquinos se iniciou como uma tendência, virou um movimento e finalmente, transformou o mercado imobiliário (ZUKIN, 1982).

Ao longo desse processo de preservação e estetização espacial, o *loft* representava também uma insígnia de um estilo de vida boêmio, transfigurando códigos visuais associados ao industrialismo em um pós-industrialismo moderno, seguro, limpo e coerente com os novos modos de produção. No decurso desta revitalização espacial, o *lôcus* dos artistas passa a ser uma referência estético-cultural para classe média, especialmente no que tange ao diálogo com a apreciação artística e preservação histórica que até então se localizavam no domínio das classes altas (ZUKIN, 1982, p.58). Além disso, tais atributos passaram a ser celebrados pelos meios de comunicação de massa através de retóricas de “renovação” que fomentavam a aceitação destes novos padrões: a imagem do bairro transpôs os estigmas negativos para suscitar curiosidade e interesse. Percebe-se que o bairro passou por uma ressignificação simbólica e, como afirma Bourdieu (1984), toda mudança no sistema de mercadorias induz a uma mudança de gostos que, por sua vez, induz direta ou indiretamente uma transformação do campo de produção: o gosto é, em si mesmo, produto da produção.

O SoHo passava então a representar uma expressão da civilização pós-industrial: de *lôcus* de produção a objeto de consumo cultural, a conversão do industrial ao residencial simbolizava a queda definitiva da produção industrial intra-urbana e marca, em termos espaciais, um novo terreno de disputas entre grupos sociais diversos que concorriam por sua ocupação (ZUKIN, 1982). Ao considerarmos que “não há espaço, em uma sociedade hierarquizada, que não seja hierarquizado” (BOURDIEU, 1997, p.160) se evidencia que “o consumo mais ou menos ostentatório do espaço é uma das formas por excelência da ostentação de poder” (*ibid*).

Araújo (2007) considera que o campo das construções identitárias tem profunda relação com o espaço: toda identidade é social e territorial, derivada de um processo socioespacial. A apropriação de disposições sociais e estéticas – sobretudo códigos compartilhados localmente – resulta em um profundo senso

de pertencimento identitário de grupos proporcionados pela proximidade geográfica. O SoHo passou, portanto, à condição de exportador de um estilo de vida artístico a ser mimetizado por outros estratos da classe média nova-iorquina.

Neste cenário, não tardou para que o mercado imobiliário se interessasse pela região. A partir da década de 1980, o perfil das ruas volta a mudar: *boutiques* do universo da moda migram ao bairro, iniciando uma nova reconfiguração de uso do solo. O efeito deste interesse resultou diretamente na valorização fundiária e o conseqüente deslocamento dos artistas, afastados da área que haviam revitalizado pelo crescimento exponencial dos aluguéis.

Harvey (2005) aponta o processo homogeneizador que determinados bens culturais são submetidos para fins de melhorar a circulação nos mercados, adquirindo características de *commodities*. Ainda, destaca que tais características intrínsecas de bens singulares são cada vez mais utilizadas para justificar as rendas monopolistas produzidas neste sistema de exploração simbólica orientada para o consumo (VALIATI, 2007 *apud* HARVEY, 2005).

Assim, a associação com a mercantilização da esfera da arte marca um processo de transformação que se reflete na economia urbana, evidenciando um "compromisso histórico entre cultura e capital" (ZUKIN, 1982). Estabeleceram-se, desta maneira, as bases para um determinado tipo de desenvolvimento urbano impulsionado pelo capital simbólico derivado da classe artística, que promovia a transformação radical de uma paisagem urbana de produção em uma paisagem urbana de consumo (LEY, 2003).

Destaca-se como a ocupação destes *lofts* pode ser relevante para a reflexão contemporânea da relação cidade e cultura. O habitar de antigas estruturas industriais marcam uma nova percepção de espaço e tempo, bem como uma nova relação (e aproximação) entre arte e indústria, onde essas tomam uma posição central no simbolismo cultural de um mundo cada vez mais mercantilizado. Em sentido estrito, produziram-se novos valores sociais e culturais que se refletiam em padrões habitacionais e, sobretudo, de consumo de espaço. Como reconhece o crítico de arte Calvin Tomkins, a arte dos anos 1960 fez o SoHo possível (ZUKIN, 1982, p.84).

Assim, queremos argumentar que a presença da arte no espaço urbano é atraente por razões simbólicas, mas que o simbolismo também está

intimamente conectado à mecanismos de poder (*ibid*). Nota-se que as classes artísticas frequentemente tomaram a frente em processos de ressignificação e legitimação simbólica de áreas pós-industriais, o que terminou por evidenciar o grande valor econômico de suas atividades na transição da era industrial para a economia do conhecimento, apoiada no setor de serviços e de produção de insumos de alto valor agregado. O capital cultural, portanto, torna-se cada vez mais intercambiável com o capital econômico (BOURDIEU *apud* RUPERT, 2006).

### **Breve problematização do *buonismo*<sup>6</sup> criativo**

O senso comum da literatura acerca da economia criativa e cidades criativas aponta para a hipótese de sua instrumentalização como catalisadora do desenvolvimento econômico e social no âmbito urbano. Segundo o Departamento de Cultura, Mídia e Esportes (DCMS) do Reino Unido, um dos países pioneiros na implementação de políticas públicas orientadas ao fomento das indústrias criativas, “artes e esportes, atividades recreativas e culturais podem contribuir para a renovação de vizinhanças e fazer real diferença para a saúde, crime, emprego e educação em comunidades carentes” (DCMS, 1999, tradução nossa).

Mais ainda, os diversos estudos do campo de conhecimento da Economia Criativa apontam para o impacto econômico causado pelo incentivo do poder público como condutor central destes processos de incentivo à revitalização de áreas degradadas, que direta ou indiretamente podem produzir efeitos gentrificadores.

Sabemos que as artes e a cultura desempenham um papel importante na promoção de objetivos sociais e econômicos através de regeneração locais, atração de turistas, desenvolvimento de talentos e inovação, melhoria da saúde e bem-estar, e prestação de serviços essenciais (CAMPBELL, 2014. Tradução nossa).

---

<sup>6</sup> O Projeto Sostenuto (2011) problematiza que um dos maiores riscos do fomento público à cultura seria o “*buonismo*”, expressão do italiano que exprime um pré-conceito que tende a considerar tudo relacionado à cultura como necessariamente positivo, abrindo precedentes para tomadas de decisões menos democráticas na esfera pública.

A partir de subsídios empíricos, a abordagem “cultural” necessita formar um discurso crítico para debater a hipótese de polarizações urbanas relacionadas ao fenômeno da gentrificação proveniente das relações entre artes e sua mercantilização, mesmo que essa não se produza unicamente na valorização fundiária. Em crítica à teoria das classes criativas de Florida, Balduf (2014) afirma que tal argumento não versa sobre a arte e a criatividade, mas antes impõe a priorização de políticas públicas que atendem às aspirações da economia de mercado e difusão do capital financeiro e especulativo na fabricação de uma paisagem urbana voltada ao consumo corporativo.

Verifica-se, portanto, que a cultura é vislumbrada como via de desenvolvimento socioeconômico em função de diversos estudos que evidenciam os impactos de incentivos à criatividade. A fim de debater tal senso comum, sugerimos que os métodos analíticos para tais discussões devem ser apoiados em fontes que priorizem a compreensão ampla de realidades locais para o desenho de políticas públicas alinhadas às demandas específicas de cada região. Assim, ao evitar a busca por semelhanças nas análises comparativas entre cidades, Becker (1999) sugere a busca por analogias entre estruturas sociais.

### **Território e identidade na era da Economia Criativa**

Os processos de interdependência entre local e global, que se dão a partir da intensificação dos fluxos mundiais de informação e capital, produzem rompimentos na associação imediata entre identidade local e território (HAESBAERT, 2007). Há, contudo, complexos mecanismos de ressignificação no nível local que se originam como resposta à uma suposta anulação de diferenças destes efeitos globalizantes. Para Santos (2002), todos os fenômenos tendem à transescalaridade: ou seja, a escala local surge a partir de um contexto global. O território não é, portanto, dado, oriundo da natureza, mas antes é algo político, econômico, social e cultural - e estes são de caráter abstrato. Assim, ainda que a associação entre arte e gentrificação represente um processo característico de grandes cidades globais, adiante buscaremos problematizar como este esta leitura se relaciona em cidades latino-americanas devido às suas idiossincrasias locais.

Destacamos a possibilidade de refletir a gentrificação não somente enquanto valorização do solo, mas também como um campo produtor de novas práticas e relações espaciais, que presume a criação de um *habitus* urbano. As práticas de gentrificação não se referem apenas a empreendimentos econômicos que visam otimizar o potencial de investimentos em áreas centrais; referem-se, sobretudo, à uma afirmação simbólica do poder (LEITE, 2005, p. 136). Assim, é necessário compreender e analisar caso a caso dos processos catalisados por artistas na transformação de paisagens urbanas industriais em paisagens de consumo, a partir do estabelecimento de novas práticas locais onde a reprodução do capital cultural fixa novos sistemas simbólicos.

Ao interpretar como as forças sociais e comerciais do capitalismo tardio estão redefinindo as cidades contemporâneas, nossa abordagem aqui se propõe menos a identificação de uma "nova economia" em si para sugerir a investigação de configurações cada vez mais híbridas de espaços econômicos que assumem diversas formas - sociais, espaciais e técnicas - no modo de produção (HUTTON, 2004). Mais ainda, o paradigma da disputa territorial na modernidade seria determinada pelos eventos nele produzidos (Santos 2002), uma vez o lugar é determinado por seus usos, pela combinação espaço-tempo, não sendo algo estático mas antes resultado de disputas no interior da estrutura social.

Vimos que a valorização econômica de estoques de capital é intrínseca às relações de domínio da cultura. Bourdieu (1997) argumenta que a reprodução de capital se institui pela localização: o lugar também é mecanismo de reprodução das condições sócio-econômicas. Neste contexto, percebe-se que o capital cultural é associado àqueles que afirmam proximidade política e geográfica com a classe artística. Um dos motores da gentrificação, segundo Ley (2003), seria a afirmação desta posição dos agentes no campo, onde o capital cultural acumulado de um *locus* pode ser permutado por capital econômico, convertendo antigas margens urbanas em novos centros.

Ainda na definição teórica de Bourdieu (1997), os campos são espaços sociais de práticas específicas e objetivamente materializadas, onde grupos e agentes são distribuídos de acordo com sua posição, oriunda do capital que detêm. Campos distintos originam polarizações e convergências e a estrutura do espaço físico pode ser produtora (ou ainda reprodutora) de um capital que é socialmente constituído pela localização dos agentes. As sociabilidades se

inscrevem, igualmente, nas estruturas espaciais, reforçando posições dentro dos distintos campos. A teorização bourdiana sobre o desenvolvimento do campo da produção cultural como um local para a criação de valor por excelência é uma heurística poderosa, que permite pensar a gentrificação também como um campo de práticas, relações e traços históricos.

Ao entendimento da complexidade do campo de análise, a posse e exercício de diferentes formas de capital pelos atores tem implicações práticas importantes para os estudos de gentrificação. Não se trata, portanto, de inferir uma dominação do capital cultural pelo econômico, mas entender como ambos operam juntos e produzem espacializações diversas para propor uma complexa discussão sobre as materializações urbanas de tais disputas.

### **A cidade criativa no contexto latino-americano: uma abordagem decolonial**

Buscamos até aqui contribuir para o entendimento da dinâmica sócio-espacial produzida no processo de valorização simbólica a partir da instalação de artistas e classe criativa em determinados bairros e áreas urbanas, cuja incidência do fenômeno tende a implicar em uma valorização fundiária e/ou simbólica de determinadas áreas de cidades contemporâneas. Cabe, portanto, debater as relações entre arte, estetização e mercantilização nas paisagens da cidade criativa ao analisar possíveis incidências de conversão de valores simbólicos em valores econômicos também em cidades latino-americanas.

A cidade latino-americana é social e estruturalmente segregada e, segundo Schapira (1999) é o empobrecimento das classes médias que esvaziam os centros urbanos, dando origem a bairros burgueses, frequentemente periféricos. Sabatini *et al.* (2009) destacam que o processo de gentrificação na América Latina se produziria de maneira diversa à Europa e América do Norte, caracterizado por atingir antes a periferia urbana e sem necessariamente produzir o deslocamento de populações uma vez que as classes média e altas teriam preferência por novas infraestruturas de condomínios e *shoppings centers* localizados nas áreas periféricas. Tal modelo é considerado inédito frente aos padrões de segregação residencial originados pela gentrificação, que assume modalidades distintas particulares na América Latina (SABATINI *et al.* 2009).

Desta maneira, é potencial a relevância da discussão específica para as políticas de revitalização urbana em países tão segregados socialmente, cujas lógicas de articulação de fatores são próprias às suas características conjunturais. Mesmo assim, articulações intrínsecas à racionalidade de mercado do sistema capitalista seguem operacionalizando os cenários urbanos onde determinados estratos sociais têm prioridade na apropriação de moradia e valores simbólicos.

Assim, percebe-se que as cidades latino-americanas carecem de abordagens alternativas àquelas utilizadas em países desenvolvidos. Como afirma Maricato (2006) o crescente empobrecimento dos países da América Latina nas últimas duas décadas se evidencia pelo aumento de assentamentos informais nos centros urbanos, geralmente resultantes de ocupações ilegais que desconsideram leis de propriedade e ocupação de terra. Entre os anos 1990 e 2001, o número de assentamentos informais na América Latina aumentou 111 milhões para 127 milhões uma consequência do rápido processo de urbanização em curso na região (MARICATO *apud* CEPAL, 2004). Tal cenário nos leva à consideração de Santos (2004) quanto ao fenômeno do subdesenvolvimento que demanda esforços de compreensão global, sem os quais a solução de problemas estruturais locais são inviáveis.

Fica evidente, portanto, que aplicar modelos de desenvolvimentos embasados em *cases* de sucesso de cidades podem ser fértil do ponto de vista referencial, ainda que, devido ao elevado grau de influência global destas metrópoles e profundas divergências conjunturais, sugere-se optar por análises singularizantes para abordar possibilidades de regeneração urbana de cidades latino-americanas. Dado o grande distanciamento das realidades históricas, socioeconômicas e culturais dos países do continente europeus e América do Norte, sugere-se aqui a operação de uma “opção descolonial” no sentido de romper com o paradigma da racionalidade modernizante advinda de países do hemisfério norte (MIGNOLO, 2008).

La crítica del paradigma europeo de la racionalidad/ modernidad es indispensable. Más aún, urgente. Pero es dudoso que el camino consista en la negación simple de todas sus categorías; en la disolución de la realidad en el discurso; en la pura negación de la idea y de la perspectiva de totalidad en el conocimiento. Lejos de esto, es necesario desprenderse de las vinculaciones de la racionalidad-

modernidad con la colonialidad, en primer término, y en definitiva con todo poder no constituido en la decisión libre de gentes libres. Es la instrumentalización de la razón por el poder colonial, en primer lugar, lo que produjo paradigmas distorsionados de conocimiento y malogró las promesas liberadoras de la modernidad. La alternativa en consecuencia es clara: la destrucción de la colonialidad del poder mundial (QUIJANO *apud* MIGNOLO, 2008: 447).

As teorias decoloniais vêm sendo amplamente utilizadas para discussões no âmbito das ciências sociais – sobretudo para questões de ciência política sobre gênero, racismo e aqui sugerimos uma aplicação para refletir a questão urbana. Partimos do entendimento o qual cabe discutir a experiência de modernidade na América Latina enquanto uma noção incompleta, do ponto de vista de que não herdamos de fato os frutos desta era moderna que povoa nossos imaginários urbanos (como muito bem destacam Roberto Schwarz<sup>7</sup> e Beatriz Sarlo<sup>8</sup>).

Ao enfrentar problemas intrínsecos de grandes cidades latino-americanas, Santos (2004) argumenta por um esforço interdisciplinar de interpretação sistemática dos contextos políticos, socioeconômicos e mesmo geográficos dos países de terceiro mundo. Leite (2005) também verifica que o processo gentrificador busca adequar tradições locais a demandas globais do consumo cultural, fomentando incongruências.

Assim, ainda que a relação entre arte e gentrificação não seja prescrita, sobretudo considerando os contextos próprios à América Latina e evitando uma consideração monocausal do processo gentrificatório, faz-se necessário problematizar esse comum efeito entre cultura e deslocamentos urbanos se efetivam. A partir de uma irrupção de modernidade, as cidades latino-americanas passaram por processos de surtos urbanizadores que determinou nosso elevado número de assentamentos irregulares, a proliferação de favelas e diversos distúrbios urbanos que cada vez mais demandam atenção do poder público.

## **Considerações finais**

---

<sup>7</sup> Em “As ideias fora do lugar”, Schwarz analisa, através do romance oitocentista brasileiro, a contraditória coexistência do atraso social e da realidade escravocrata em choque com ideais liberais vigentes enquanto ideologia.

<sup>8</sup> Autora de “Modernidade Periférica: Buenos Aires 1920 – 1930”.

Neste artigo, buscamos compreender que alguns mecanismos de legitimação se articulam para a valorização de uma área em revitalização, elencando evidências empíricas de transformações de paisagens urbanas. Ao compreender os mecanismos que produzem tais cenários, evidenciam-se aspectos sócioeconômicos, culturais, políticos e históricos que desvelam realidades distintas de cada território.

O imaginário dos habitantes da cidade nos oferece um panorama apreciável da influência do capital cultural na valorização destas áreas, mas este não pode ser dissociado de outros aspectos que constituem sua conjuntura. Sugere-se, portanto, desfazer-se da impressão de totalidade de mecanismos de desenvolvimento de cidades para uma análise mais profunda colocando variantes da condição latino-americana para pensar a cidade.

### **Referências Bibliográficas**

ARANTES, Otília. “Uma estratégia fatal: A cultura nas novas gerações urbanas”. In: ARANTES, Otília, VAINER, Carlos, MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único: Desmanchando consensos**. 3<sup>o</sup> Ed. Petrópolis: Editora Vozes. 2002.

BALDAUF, Anette. **Soho Inc.: Artistic practices, urban development and the myth of the creative city**. In: Planning Unplanned—Towards a New Positioning of Art in the Context of Urban Development, Verlag für Moderne Kunst, 2014.

BECKER, H. **Métodos de pesquisas em ciências sociais**. Tradução Marco Estevão e Renato Aguiar. 4.ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BIDOU-ZACHARIASEN, C. **De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas públicas de “revitalização” dos centros urbanos**. 1.ed. São Paulo: Annablume, 2006.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Editora perspectiva, 1982.

\_\_\_\_\_. **Efeitos do Lugar**. In BOURDIEU, P. (Org.) Petrópolis: Vozes, 1997, pp 159 a 166.

\_\_\_\_\_. **Distinction**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1984

CAMERON S., COAFEE, J. Art, Gentrification and Regeneration – From Artist as Pioneer to Public Arts. In: International Journal of Housing Policy. Volume 5, 1a Edição, 2005.

CAMPBELL, P., COX, T., CRONE, S. and WILKS-HEEG, S. (2015). **Evidence of Things That Appear Not? – A Critical Review of the Role of Arts and Culture in the Regeneration of Urban Places and Urban Communities.** AHRC report.

DCMS (Department for Culture, Media and Sports), **Policy Action Team 10: a report to social exclusion unit: The Contribution Arts and Sport can Make to Social Inclusion**, London: DCMS, 2001.

FLORIDA, R. **A ascensão da classe criativa.** Tradução Ana Luiza Lopes. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço.** São Paulo: Annablume, 2005.

HAESBAERT, R. (Org.); ARAUJO, F. G. B. (Org.). **Identidades e Territórios: Questões e Olhares Contemporâneos.** 1. ed. Rio de Janeiro: Access, 2007.

HAMNETT, C. **Gentrification and residential location theory: a review and assessment.** In: HERBERT, D.T.; JOHNSTON R.J. (ed). *Geography and the Urban Environment, Progress in Research and Applications.* v. 6, p-283-319, 1984.

HUTTON, Thomas A. **Cities and the Cultural Economy.** London: Routledge, 2015.

LANDRY, C. **Creativity, Culture & the City: A question of interconnection.** Forum D'Avignon. Paris, nov 2011.

LEY, David. **Artists, Aestheticisation and the Field of Gentrification.** Urban Studies, v.40. No. 12, 2527–2544, 2003.

MARICATO, Ermínia. **Housing and cities in Brazil and Latin America: Globalization, poverty and some reasons for hope.** Documento de pesquisa. Laboratório de Habitação e Assentamentos Humanos. USP, São Paulo, [http://www.fau.usp.br/depprojeto/labhab/biblioteca/textos/maricato\\_housingcitiesbrazil.pdf](http://www.fau.usp.br/depprojeto/labhab/biblioteca/textos/maricato_housingcitiesbrazil.pdf) acesso em 20 de novembro, 2015.

MARZULO, E. **O espaço dos pobres. Identidade social e territorialidade na modernidade tardia.** 2005. Tese de doutoramento, IPPUR/UFRJ, Rio de Janeiro, 2005.

MIGNOLO, W. D. (2008). **Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política.** Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, Rio de Janeiro, n° 34, p 287-324.

RIBEIRO, Ana Clara Torres; SANCHEZ, Fernanda. **City Marketing: a nova face da gestão da cidade no final de século.** In: Cidade espetáculo: política, planejamento e city marketing. Curitiba: Editora Palavra, 1997

RUPERT, Evelyn Sharon. **The Moral Economy of Cities: shaping good citizens.** Toronto: University of Toronto Press, 2006

SABATINI, Francisco, SARELLA ROBLES, María y VÁSQUEZ, Héctor (2009): **Gentrificación sin expulsión, o la ciudad latinoamericana en una encrucijada histórica.** *Revista 180*, núm. 24 pp. 18-25. Universidad Diego Portales, Santiago de Chile.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço.** São Paulo: Edusp – Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

\_\_\_\_\_. **O espaço dividido.** São Paulo: Edusp – Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SCHAPIRA, M-F P. **Amérique Latine: la ville fragmentée.** In: *Esprit*, novembre, 1999, 128-144.

SCOTT, Allen J. **The Cultural Economy of Cities.** London: Sage, 2000.

SMITH, Neil. **A Gentrificação Generalizada: de uma anomalia local à “regeneração” urbana como estratégia urbana global** In: BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine. *De volta à cidade: dos processos de gentrification às políticas públicas de “revitalização” dos centros urbanos.* São Paulo: Annablume, 2006.

VALIATI, L. Valor, **Espaço e Cultura: A dimensão não-quantitativa da valoração econômica na reabilitação de centros urbanos.** Dissertação de mestrado, PROPUR/UFRGS, Porto Alegre, 2009

ZUKIN, Sharon. **Loft Living: Culture and Capital in Urban Change.** Newark: Rutgers University Press, 1989.